

## A PROBLEMÁTICA DE UMA ANTROPOLOGIA HISTÓRICA DA LINGUAGEM<sup>1</sup>

### THE ISSUE OF A HISTORICAL ANTHROPOLOGY OF LANGUAGE

Daiane Neumann<sup>2</sup>

**Resumo:** *O objetivo deste artigo é problematizar a concepção de linguagem proposta por Henri Meschonnic, em Critique du rythme, denominada "antropologia histórica da linguagem". Nessa problematização, cumpre discutir acerca das bases que constituem essa noção, que se enraízam especialmente em Saussure e Benveniste, bem como acerca de algumas consequências de se adotar tal ponto de vista nos estudos da linguagem. Por exemplo, como se considera a relação entre som e sentido em análises de textos e obras, e como se considera a relação entre linguística e literatura, já que as questões que são destacadas, a partir desse olhar, não se circunscrevem a apenas um desses dois domínios.*

**Palavras-chave:** *Antropologia histórica da linguagem; Som e sentido; Língua e literatura.*

**Abstract:** *This paper intends to problematize the conception of language proposed by Henri Meschonnic, called "historical anthropology of language", in Critique du rythme. To do so, it is important to point out the bases of this notion - especially the ones which are in Saussure's and Benveniste's works - as well as the consequences of adopting this point of view about language. For instance, how the relation between sound and sense in the text analysis is considered, and how the relation between linguistic and literature is considered, since, from this angle, the questions highlighted are not limited to only one of these two fields.*

**Keywords:** *Historical anthropology of language; Sound and sense; Language and literature.*

#### 1 Introdução

Na obra *Critique du rythme: anthropologie historique du langage*, publicada originalmente em 1982, Henri Meschonnic dispõe-se a discutir sobre a noção de ritmo, mais especificamente, sobre a noção de ritmo na linguagem. Para fazê-lo, apresenta um histórico dos estudos que problematizaram essa questão, a fim de refletir acerca da concepção de linguagem e, portanto, de ritmo, presentes em cada um deles.

A noção de ritmo proposta por Meschonnic (2009 [1982]), em contraposição às noções existentes, que derivam, conforme o afirma Benveniste (2005), do pensamento platônico, sustenta-se em uma alteração do ponto de vista acerca da linguagem. Essa alteração de ponto de vista sobre a linguagem está proposta no projeto, denominado por Meschonnic,

---

<sup>1</sup> A reflexão apresentada neste artigo relaciona-se com uma discussão do segundo capítulo de minha tese de doutoramento, intitulada "Em busca de uma poética da voz", defendida em 2016, no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>2</sup> Professora no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Atualmente, faz estágio pós-doutoral da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Sertão, Brasil, e-mail: [daiane\\_neumann@hotmail.com](mailto:daiane_neumann@hotmail.com)

"antropologia histórica da linguagem". Segundo o estudioso, essa concepção de linguagem teria suas bases constituídas a partir do pensamento de Saussure e Benveniste.

O objetivo deste artigo é problematizar essa concepção de linguagem, buscando discutir acerca de suas bases, da construção de tal noção, passando pelo ponto de vista sobre a linguagem presente em Baudelaire e, em especial, em Saussure e Benveniste. Interessa, no entanto, ir além dessa discussão e refletir também acerca de algumas consequências que essa visão de linguagem impõe àqueles que se dedicam aos estudos da linguagem, quais sejam, a indissociabilidade entre som e sentido, bem como entre o estudo de língua e de literatura.

Em um primeiro momento, discuto acerca de como se constrói essa noção de "antropologia histórica da linguagem".

## **2 A construção da noção de "antropologia histórica da linguagem"**

Charles Baudelaire (1980), em *L'Art philosophique*, ao discutir sobre "*l'art pur*", segundo a concepção moderna, a define como a criação de uma magia sugestiva que contém ao mesmo tempo o objeto e o sujeito, o mundo exterior ao artista e o artista mesmo. Tal definição leva a uma mudança de ponto de vista sobre a linguagem no século XIX. Dessa forma, a linguagem enquanto criadora não seria mais metáfora, na medida em que não seria possível dissociar o que é dito da maneira como se diz. A individualidade é diluída na medida em que há uma relação entre identidade e alteridade.

A modernidade teria como lugar o sujeito, como tempo, o sujeito. Baudelaire transforma a noção de linguagem, ele mostra que só o discurso transforma a língua, que só um sujeito transforma o discurso, que só o ritmo pode mudar as formas de construção de sentido. Assim, as formas históricas do discurso são uma parte da história da individuação, ou ainda, a história da individuação e a história das formas do belo na linguagem são solidárias. De acordo com Meschonnic (2006 [1989]), há em Baudelaire uma mudança total de óptica, pois claramente se percebe que só pode existir o sujeito no discurso, e não na língua, além disso, o belo na linguagem passa a ser uma aventura de historicidade. Se a linguagem está estreitamente ligada ao processo de individuação, então o que se denomina "belo da linguagem" estaria no ordinário mesmo, naquele de todos os dias; como consequência, a beleza não seria mais formal, nem mesmo semântica, ela seria exatamente a crítica a esse dualismo.

Tal mudança de ponto de vista sobre a linguagem se encontra também no trabalho do linguista Émile Benveniste, no século XX, especialmente a partir da reflexão sobre a

subjetividade na linguagem e a noção de discurso, que dão continuidade à problematização sobre linguagem proposta por Saussure, em seu *Cours*<sup>3</sup>. Para Meschonnic (2008), a língua e a fala, a diacronia e a sincronia, e o paradigma e o sintagma foram transformados em pares de exclusão pelos estruturalistas. No entanto, Saussure não é um estruturalista. Para o linguista genebrino, a fala não é excluída do sistema de signos que é a língua, ela é somente distinta como objeto de estudo, mas não no seu funcionamento.

Nesse sentido, Meschonnic (2008) sugere que Benveniste não faria uma ultrapassagem em relação a Saussure, mas um deslocamento nocional, na medida em que o conjunto de sua obra está ao lado de Saussure, mas se opõe certamente ao estruturalismo. A relação de interação, que é transformada em pares de exclusão mútua pelos estruturalistas, seria ultrapassada, revezada, resposta pelo conceito de discurso em Benveniste.

Há, dessa forma, um deslocamento, pois enquanto Saussure preocupa-se com a definição e discussão do sistema da língua, Benveniste discute o sistema linguístico da enunciação. Tal leitura da obra desses dois grandes linguistas leva Meschonnic a afirmar que de Saussure e Benveniste partiria uma antropologia histórica da linguagem<sup>4</sup>.

Na leitura da obra de Benveniste, apresentada por Dessons (2006), há um capítulo denominado *Une anthropologie du langage*, em que são elucidados vários conceitos que permeiam a obra de Benveniste, *La communication*, *Le discours*, *La langue et le langage*, *La signification*, *La subjectivité*, *Le temps*.

Na obra de Benveniste, a linguagem é apresentada como constitutiva do homem, que se constrói ao se enunciar em seu discurso. Benveniste propõe, dessa forma, uma antropologia da linguagem, segundo a qual há uma indissociabilidade entre o que se sabe da linguagem e o que se sabe do homem.

Para o linguista, “bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para *viver*. Se nós colocarmos que à falta de linguagem não haveria nem possibilidade de sociedade, nem possibilidade de humanidade, é precisamente porque o próprio da linguagem é, antes de tudo, significar” (2006a, p. 222). Tal excerto nos leva a estabelecer uma relação entre “l’action de signifier” e “celle de vivre”, o que “define a natureza irredutivelmente antropológica da

---

<sup>3</sup> É importante destacar que a leitura realizada tanto por Benveniste quanto por Meschonnic do *Curso de Linguística Geral* se opõe à leitura estruturalista. Enquanto para essa última, a construção do pensamento do linguista genebrino se sustenta nos pares dicotômicos (sincronia/diacronia, paradigma/sintagma, significante/significado e língua/fala), para aquela, as noções de sistema, funcionamento, valor e arbitrariedade é que são fundadoras da reflexão saussuriana, pois são elas que fornecem as bases para uma linguística do discurso. Para maiores esclarecimentos acerca dessa discussão, ver Neumann e Rosário (2015)

<sup>4</sup> Para uma discussão mais aprofundada da constituição do projeto de uma antropologia histórica da linguagem, em Meschonnic, a partir de Saussure, Benveniste e Humboldt, ver Neumann (2014). Para maiores informações sobre a presença de Humboldt no projeto de Meschonnic, ver também Trabant (2005)

linguagem; ou seja, que a linguagem humana possui de próprio a capacidade de definir um pelo outro a vida e o sentido.”<sup>5</sup> (DESSONS, 2006, p. 89)

A linguagem, então, enquanto constitutiva do homem, da sociedade e das relações intersubjetivas, alcança seu caráter fundamental, o de ser ao mesmo tempo ética e política. No entanto, para pensar em tais questões foi necessário a Benveniste sair do domínio do signo para entrar naquele do discurso. “Um pensamento da individuação só pode recusar o signo”<sup>6</sup> (DESSONS, 2006, p. 64) que “existe em si, funda a realidade da língua, mas não encontra aplicações particulares” (BENVENISTE 2006a, p. 230), ao passo que a frase, “expressão do semântico, não é *senão* particular.” (BENVENISTE 2006a, p. 230)

A noção de discurso, tal como foi concebida por Benveniste, permite então pensar o contínuo na linguagem. Pensar esse contínuo significa compreender a relação entre semântico e semiótico<sup>7</sup> como interna à obra e como seu resultado. Isso não significa desconsiderar a presença de unidades no discurso, mas concebê-las pela relação que é aí construída de forma única, singular.

A proposta então é sair de um pensamento da linguagem que busca o geral, o regular para pensar sobre o singular. Dessa forma, mesmo as unidades são percebidas como únicas, singulares, na medida em que as relações que estabelecem são sempre novas em cada situação enunciativa. As unidades passam então a ser analisadas a partir de interações e implicações recíprocas entre os elementos do discurso no contínuo.

Ao partir de categorias pré-fabricadas, do domínio semiótico, para pensar a análise do discurso, reduz-se esse último a categorias de língua e, conseqüentemente, negligencia-se a articulação mesma do discurso, a maneira pela qual um discurso específico produz sentido, efeito e instala a individuação. Impede-se, assim, que o texto, a obra, suscite alguma interrogação ao analista, que o permita ir em direção ao desconhecido da linguagem.

Se concordarmos com Benveniste quando esse propõe que há uma distinção entre o domínio semiótico e o domínio semântico e que nesse último “a mensagem não se reduz a uma sucessão de unidades que devem ser identificadas separadamente” e que “não é uma adição de signos que produz o sentido, é, ao contrário, o sentido (o “intencionado”), concebido globalmente, que se realiza e se divide em ‘signos’ particulares, que são as PALAVRAS” (2006b, p. 65), nós perceberemos que a análise do discurso exige um outro

---

<sup>5</sup> Tradução minha, no original, lê-se: [...] définit la nature irréductiblement anthropologique du langage ; c’est-à-dire que le langage humain possède en propre la capacité de définir l’un par l’autre la vie et le sens.

<sup>6</sup> Tradução minha, no original, lê-se: Une pensée de l’individuation ne peut que récuser le signe.

<sup>7</sup> O domínio semiótico é aquele que “designa o modo de significação que é próprio do SIGNO linguístico e que o constitui como unidade” (BENVENISTE, 2006b, p. 64), já no domínio semântico “entramos no modo específico da significância que é engendrado pelo DISCURSO”. (ibid., p. 65)

olhar, um outro tratamento. Se é a totalidade que define as unidades, a análise dos textos, das obras deve ser construída a partir da especificidade de cada objeto analisado, considerando que este é constituído por um sujeito singular, histórico, cuja enunciação é um ato único.

Os textos e as obras são sistemas de valores que trabalham uma semântica específica, diferente do sentido lexical. Isso nos conduz à observação de marcas linguísticas e extralinguísticas que podem estar situadas em todos os níveis da linguagem – acentual, prosódico, lexical, sintático – os quais constituem juntos um paradigma e um sintagma<sup>8</sup>.

Essa alteração de ponto de vista acerca dos estudos da linguagem também acarreta uma mudança na forma como se concebe a relação entre som e sentido. Essa questão é o que discutirei a seguir.

### **3 A relação entre som e sentido**

Como bem o lembra Meschonnic (2006 [1989]), o discurso rompe a oposição entre o som e o sentido, separação que é tomada como natural entre um som que não teria sentido, e o sentido que estaria encarnado em um som. No entanto, ao considerar a linguagem como matéria da história, estaríamos quebrando esse círculo.

Pensar o discurso nos leva, portanto, a atentar para essa não separação entre som e sentido. Leva-nos a considerar também os aspectos acentuais e prosódicos da linguagem na análise linguística. O discurso não é mais visto como aquele que apresenta unidades duais e descontínuas, mas é percebido como um contínuo do ritmo<sup>9</sup>, onde o movimento de significar tem seu corpo, seus gestos, sua voz, sua história.

Há, dessa forma, uma escuta a ser feita da linguagem, uma escuta que não é estanque, mas que pode mudar indefinidamente no curso de suas representações. Como tais representações não podem ser separadas das representações que o indivíduo tem do sujeito, o trabalho do sujeito é essa mudança mesma.

Ao passar da língua ao discurso, do som concebido como significante do signo, aquele que porta um sentido, cuja relação estabelecida com este último é de descontinuidade, passa-

---

<sup>8</sup> As noções de sintagma e paradigma são resgatadas da reflexão saussuriana acerca o eixo sintagmático e paradigmático, por Meschonnic, para pensar o discurso. Segundo o pensador francês, o discurso forma um sistema que constitui o seu próprio sintagma e seu próprio paradigma.

<sup>9</sup> Utilizo a noção de ritmo aplicada ao discurso. Tal noção foi reatualizada por Benveniste e depois por Meschonnic e postula que o ritmo é uma forma improvisada, momentânea, passível de ser modificada, o que implica que cada poema cria seu próprio ritmo, a partir de sua enunciação (ver MESCHONNIC, 2009). Como a noção de ritmo e de voz que perpassam este trabalho fazem parte de uma mesma problemática, qual seja, a consideração de aspectos prosódicos e acentuais na análise dos textos e das obras, por uma questão de objetivos desta reflexão, privilegiarei a discussão sobre a voz, que tem sido meu objeto de estudo.

se também ao significante concebido como um contínuo cultural e subjetivo do sujeito em sua própria linguagem. A unidade deixa de ser a palavra para se tornar o discurso. Ou seja, o som figurou como uma noção exterior à língua. Em seguida, o fonema foi considerado como um sistema distintivo da língua estudada funcionalmente. Com o ritmo concebido como organização cultural e subjetiva do discurso, passa-se do descontínuo ao contínuo.

Ao pensar a língua, têm-se as duas faces do signo e a dupla articulação. De um lado, há os fonemas, que não têm sentido, e, de outro, as unidades, que portam sentido. No discurso, há uma ritmicidade e uma prosódia que são denominadas por Meschonnic (2006 [1989], p. 59) “signifiance”. Isto é, uma organização, uma difusão de efeitos que se constituem, que se constroem indefinidamente. A significância não trata dos sentidos lexicais das palavras, de sua significação em uma determinada situação com um determinado emissor e destinatário, mas ela os carrega, os atravessa, os une e os desune, enfim, os engloba.

Meschonnic (2006 [1989]) estranha que Jakobson, em *Six leçons sur le son et le sens*, 1942, p. 78, refira-se ao fonema como um “signo diferencial, puro e vazio”<sup>10</sup>, pois a língua, um sistema de sentido, seria definida por elementos vazios de sentidos. Além disso, atenta ainda o autor para o fato de que os fonemas em geral são estudados em palavras isoladas, fora do discurso.

Ainda numa outra passagem da mesma obra supracitada de Jakobson, Meschonnic (2006 [1989], p. 60) apresenta um segundo estranhamento ao ler: “os sons da linguagem tomados como um todo são um artefato expressamente construído para a linguagem e que têm, portanto, por definição, uma finalidade.”<sup>11</sup> (p. 41). Tal passagem seria, em um primeiro momento, contraditória com o que viria a seguir no mesmo texto “os sons articulados discretos não existiam antes da linguagem”<sup>12</sup> (p. 41) e, em um segundo momento, tautológica, porque os sons, em realidade, são a própria linguagem.

Seria então somente saindo da língua e entrando no contínuo do discurso-ritmo-e-prosódia-do-sentido, segundo Meschonnic (2006 [1989]), que os fonemas apareceriam como uma rede de significância. Para a língua, eles seriam vazios de sentido. O discurso faz deles valores, num sistema de significância. O discurso abriria para uma antropologia do infinito, infinito da linguagem, infinito do sujeito.

É importante lembrar aqui, com Ferdinand de Saussure, que o ponto de vista cria o objeto, ideia que é corroborada por Meschonnic (2006 [1989], p. 74), mais tarde, ao afirmar

---

<sup>10</sup> Tradução minha, no original, lê-se: “Signe différentiel pur et vide.”

<sup>11</sup> Tradução minha, no original, lê-se: “[...] les sons du langage pris comme un tout sont un artefact expressément construit pour le langage, et qui ont donc par définition une finalité.”

<sup>12</sup> Tradução minha, no original, lê-se: “[...] les sons articulés discrets n’existaient pas avant le langage.”

que “da linguagem pode-se ter apenas uma representação”<sup>13</sup>. Ou seja, a linguagem não é uma positividade, não temos acesso direto a ela. Dela, podemos apenas ter representações. No entanto, é igualmente importante atentar para o fato de que se situar num paradigma antropológico de matriz natural nos leva a opor a vida à morte, a voz à escrita, o espírito à letra, a vida à linguagem, a vida à literatura, ao formalismo, ao livoresco, o viver ao livro, a rima à vida. Tal modelo de linguagem opõe natureza e cultura.

Dessa forma, a proposta aqui é buscar, como alternativa ao estudo da língua, do enunciado, pensar a noção de discurso, de enunciação; como alternativa ao descontínuo representado por unidades (palavra, frase) e ao que Saussure chamava de “divisões tradicionais” (léxico, morfologia, sintaxe), pensar o eixo associativo e sintagmático. Por isso, será resgatada aqui a noção de valor de Saussure, para contrapor à noção de sentido. Farei referência, então, mais adiante, ao que Meschonnic chamou de sistema de discurso. As relações de significância são do discurso e próprias daquele discurso em particular. Além disso, tais relações, por se estabelecerem em um sistema, não são estáveis, e constroem seus valores a partir de relações múltiplas.

Pensar o contínuo do discurso significa pensar o contínuo da historicidade entre a linguagem e o sujeito – corpo, gesto, voz, e todo o ritmo e a prosódia que, no escrito, de acordo com Meschonnic (2006 [1989]), são a física e a especificidade de um discurso. Significa ainda pensar o contínuo da linguagem à cultura, de uma língua a uma literatura, de uma prosa à poesia, da linguagem à ética e à história. Portanto, mais que o enunciado, conta a enunciação, mais que o sentido, o valor, mais que o signo, o ritmo.

Ao olhar para a linguagem sob a perspectiva subjetiva e cultural, percebe-se que nela não há som, não há sentido, mas antes há na atividade do discurso, um significante contínuo, em que existe uma multiplicidade de modos de significar. O sentido aí, mais do que o sentido das palavras, se torna o sentido do tempo, de uma história, de um sujeito. Tal sentido passa de um indivíduo a outro e os torna sujeitos. A obra passa a ser o lugar de passagem desses sentidos que não são em absoluto estáveis.

A problemática de uma antropologia histórica da linguagem, que busca pensar a linguagem como criadora, dos sujeitos, da cultura, da sociedade, e que, por isso, se dedica a pensar o discurso, as especificidades da constituição dos discursos particulares, permite que se retome a proposta de Roman Jakobson, em sua conferência intitulada *Closing statements: linguistics and poetics*, ao dizer que “um lingüista surdo à função poética da linguagem e um

---

<sup>13</sup> Tradução minha, no original, lê-se: "Du langage on ne peut avoir qu'une représentation."

especialista da literatura indiferente aos problemas lingüísticos e ignorante dos métodos lingüísticos são, um e outro, flagrantes anacronismos” (1999, p. 162). Essa discussão será apresentada a seguir.

#### **4 Língua e literatura**

A preocupação com o texto literário esteve presente nas reflexões de Émile Benveniste, que respondendo à questão de saber se a linguagem poética seria interessante para a linguística, afirmou: “Imensamente” (2006c, p. 37). Dessons (2005), ao escrever sobre o “discursif” em Saussure, se opõe a uma “visão esquizofrênica” de um Saussure racionalista e delirante-desejante a fim de mostrar a preocupação do linguista de pensar a discursividade da linguagem. De acordo com o autor, a literatura preenche, nos *Écrits*<sup>14</sup>, a função de motor para uma reflexão epistemológica sobre a linguagem. Além disso, o trabalho de Saussure sobre a poesia saturniana, nos anagramas, permite “legitimar, enquanto regras de composição, leis de linguagem inaceitáveis para uma ciência linguística que estava sendo constituída, e, sobretudo, uma ciência da linguagem que situa a questão do signo no centro de sua reflexão”<sup>15</sup> (p. 38).

Humboldt também esboça um primado antropológico do discurso que historiciza a motivação. Para o filósofo, a historicidade da linguagem e dos discursos não estaria separada da história das formas literárias “se se atribui o nome de literatura aos primeiros ensaios de aspiração intelectual, mesmo aqueles frustrados e grosseiros, então a língua está sempre no mesmo passo que ela, e as duas estão inseparavelmente ligadas.”<sup>16</sup> (MESCHONNIC, 1985, p. 143).

Meschonnic (2006 [1989], p. 243) afirma que ao observar a linguagem “a partir da poesia, nós a observamos a partir do que há de mais frágil e de mais forte na linguagem e na

---

<sup>14</sup> *Écrits de linguistique générale*, Gallimard, 2002.

<sup>15</sup> Tradução minha, no original, lê-se: “[...] légitimer, en tant que règles de composition, des lois de langage inacceptables pour une science linguistique en cours de constitution, et, surtout, une science du langage qui place la question du signe au centre de sa réflexion”.

<sup>16</sup> Tradução minha, no original, lê-se: “Si on attribue le nom de littérature aux premiers essais de l’aspiration intellectuelle, même frustes et grossier, alors la langue va toujours du même pas qu’elle, et toutes deux sont inséparablement liées. Wenn man die ersten, selbst rohen und ungebildeten Versuche des intellektuellen Strebens mit dem Namen der Literatur belegt, so geht die Sprache immer den gleichen Gang mit ihr, und so sind beide unzertrennlich mit einander verbunden”.



sociedade”<sup>17</sup> <sup>18</sup>. Além disso, para o autor, a poesia se apresenta como um desafio ao sentido, em especial por sua organização, do simples pequeno poema ao mais difícil.

É bastante relevante pensar que em geral as línguas têm poemas, adivinhas, provérbios, algo que possa ser denominado literatura. Ou seja, o que se tem em todos esses regimes discursivos também é língua, que não pode ser simplesmente negligenciada pelo estudioso da linguagem. Além disso, a teoria da linguagem sem teoria da literatura, assim como a teoria da literatura sem teoria da linguagem, acabam por isolarem-se e ignoram aquilo que pode ser pensado para além de seus limites.

O papel do poema é emblemático, na medida em que ele permite que se entre em uma subjetividade extrema para alcançar o sujeito em sua plenitude. Além de este ser um lugar profícuo para o trabalho do estudioso da linguagem que busca pensar a subjetividade na linguagem, intriga e desafia na medida em que como pontua Paulhan (1966-1970, t. II, p. 267, apud MESCHONNIC 2006 [1989], p. 86), “o que nós vimos não é em absoluto que a poesia escapa à condição da linguagem comum. É exatamente o contrário.”<sup>19</sup>. Ou seja, o mistério que encanta todos os olhares fascinados está na “linguagem mais elementar”<sup>20</sup>.

Ruth Finnegan (1977, p. 132 apud MESCHONNIC, 2006 [1989], p. 189) afirma que somente é possível definir o que é “oral” na literatura por três critérios puramente sociológicos, quais sejam, o modo de produção, o modo de recepção e o modo de transmissão. Sob a perspectiva da linguagem, nada pode distinguir em que o texto oral difere da “melhor poesia escrita de língua inglesa”<sup>21</sup>. A poesia, segundo Meschonnic (2006 [1989]), toma a linguagem ordinária e mostra que tudo da linguagem é ordinário, ela é o ato pelo qual o ordinário se descobre como toda a linguagem. Seria, portanto, pela poesia que não haveria mais linguagem ordinária.

A teoria da linguagem figuraria como a escuta dessa escuta, ou seja, a teoria da linguagem seria uma escuta das transformações que acontecem na linguagem. Como o texto literário apresenta-se como o lugar da transformação por excelência, o poema precederia necessariamente a teoria. O poema ofereceria grandes desafios e riqueza àquele que se ocupa do pensar a teoria da linguagem.

---

<sup>17</sup> Tradução minha, no original, lê-se: “[...] à partir de la poésie, on le regarde à partir de ce qu’il y a de plus fragile et de plus fort à la fois dans le langage et dans la société.”

<sup>18</sup> É importante destacar que, para Meschonnic (2006 [1989]), “poesia” e/ou “poema” não significam textos compostos em versos. Ademais, o autor se opõe à divisão de textos literários em gêneros e recupera o sentido de poesia, enquanto *poiesis*, criação.

<sup>19</sup> Tradução minha, no original, lê-se: “Ce que nous avons vu n’est pas du tout que la poésie échappe à la condition du langage commun. C’est exactement à l’opposé.”

<sup>20</sup> Tradução minha, no original, lê-se: “Langage le plus élémentaire”.

<sup>21</sup> Tradução minha, no original, lê-se: “Meilleure poésie écrite de langue anglaise”.

A poesia se situaria no conflito entre a experiência e a cultura, a rima e a vida. Por isso ela figura mais como uma contracultura na cultura, quando esta última é concebida como o lugar daquilo que é estabelecido. A poesia acaba por atravessar, dessa forma, as fronteiras e as línguas. Sua subversão é tamanha que temos a impressão de que ela cria uma outra língua. Tal percepção é o que faz com que, por exemplo, Benveniste (2011), ao estudar a obra de Baudelaire, mencione a expressão “língua de Baudelaire”.

De acordo com Meschonnic (2006 [1989]), a poesia é o signo da relação entre a rima e a vida, é um *atraso* entre a vida e o momento em que as formas de vida encontram um novo jogo de linguagem. Este “atraso” apareceria, sobretudo, após as ruínas. A poesia seria um atraso e um desvio e, por isso mesmo, figuraria como o único modo de linguagem capaz de dizer o que não pode ser dito, na medida em que ela incorpora este silêncio; “quando a realidade ultrapassa todos os meios de nomeá-la, ela só pode ser abordada de uma maneira indireta, através de reflexos que ela projeta na subjetividade de alguém”<sup>22</sup>. (MILOSZ, *Témoignage de la poésie*, p. 124, apud MESCHONNIC, 2006 [1989], p. 229)

Nessa perspectiva não se pode mais aceitar a separação que em geral foi feita entre a linguagem e a vida. Tal separação foi fruto de uma racionalização da linguagem, que produz “esqueletos mortos” “*das tote Gerippe*” (VI: 147<sup>23</sup> apud TRABANT, 2005, p. 178), conforme o denuncia Humboldt, e de uma formação da poesia. Dessa forma, separa-se de uma só vez a poesia da linguagem e da vida.

A poesia daria vida a tudo, ela é uma forma de vida que faria de tudo linguagem. Ela chegaria até nós somente porque a linguagem mesma se tornou uma forma de vida, por isso ela seria tão pouco plausível. Ela não cessaria de nos trabalhar, de ser o sonho do qual nós somos o sono. Uma escuta, um despertar que nos atravessa, o ritmo que nos atravessa e o qual não conhecemos. Ela seria a organização na linguagem daquilo que sempre foi considerado algo que escapava da linguagem: a vida, o movimento daquilo que nenhuma palavra cessa de poder dizer. Aliás, segundo o autor (2006 [1989]), as palavras não diriam, por isso a poesia teria um sentido do tempo mais do que nas palavras.

A modernidade, na esteira de Meschonnic (2006 [1989]), não declara o fim da rima, mas o fim de certas noções sobre a rima, a prosa e a linguagem. Nesse sentido, o desaparecimento da rima ao final dos versos seria uma passagem para a redescoberta da rima. A poesia moderna difundiu a rima a todo o dizer e a todo o dito. Dessa forma, para

---

<sup>22</sup> Tradução minha, no original, lê-se: “[...] quand la réalité dépasse tous les moyens de la nommer, elle ne peut être abordée que de façon détournée, à travers les reflets qu’elle projette dans la subjectivité de quelqu’un.”

<sup>23</sup> *Écrits* de Humboldt de l’Académie de Berlin, 1903-1936.

compreender a rima, é necessário que se cesse de opor a poesia à dita “linguagem ordinária”, pela mesma razão que não se pode separar a linguagem da vida.

A rima se torna coextensiva do todo da linguagem, que não pode ser percebida se não se fizer uma escuta generalizada, por isso, ela produz um estado indefinidamente nascente da significância, que se realiza em uma semântica prosódica, rítmica. A rima passa sob as palavras e através delas, mas não está em nenhuma delas.

Há desacordo entre as rimas, que, fracas em eco, tornam o poema um lugar de passagem para os fonemas, enquanto errância. Os fonemas erram no poema que os transforma em significantes errantes. Por isso, a leitura não cessa, não podemos saber onde ela para na constituição do sentido no poema. A linguagem é concebida como o lugar da produção infinita de sentido.

Nas palavras de Meschonnic (2006 [1989]), a rima mostra uma palavra em outra palavra, o que a sua identificação restrita somente à posição final do verso acabava por mascarar. A rima é, nas palavras, essa relação que as conhece antecipadamente. Essa relação estabelecida pela rima não diz aquilo que queremos, mas antes diz algo sobre nós. A rima é um princípio de escuta da linguagem que passa e repassa as relações por ela estabelecidas.

Nesse sistema de discurso construído pelo poema, não são apenas as rimas e o metro que têm sentido, mas cada consonante, cada vogal, toda a materialidade vista e compreendida das palavras que fazem parte do sentido, que o organizam. Meschonnic (2006 [1989]) aponta o ritmo como sendo esta organização que faz o sentido, passando pela prosódia. No texto falado, passaria também pelo corpo, que seria social e individual, histórico e biológico.

A poética do ritmo participa de uma renovação da teoria da linguagem, que passa de categorias de signo, de sentido, de enunciado, categorias de língua, a categorias específicas do discurso, tais como a de enunciação, significância, relação da linguagem com o corpo. Ou seja, há uma renovação da concepção de sujeito pela renovação da concepção de ritmo.

Organização subjetiva do discurso, o ritmo é da ordem do contínuo, não do descontínuo do signo. Nesse sentido, ritmicamente, prosodicamente, não haveria mais a dupla articulação da linguagem no discurso. A partir desse primado do ritmo, como movimento da fala na escrita, e no contínuo dos ritmos linguísticos, retóricos, poéticos, a oposição entre som e sentido não teria sentido, assim como não teria sentido a oposição tradicionalmente feita entre linguagem ordinária e literatura.

O ritmo não é então redutível ao sonoro, ao fônico. Mas engaja, de acordo com Meschonnic (2006 [1989]), um imaginário respiratório que concerne inteiramente ao corpo vivo. Da mesma forma a voz não pode mais ser redutível ao fônico, pois a energia que a

produz engaja também um corpo vivo com sua história. Dessa forma, o ritmo é ao mesmo tempo um elemento da voz e um elemento da escrita. O ritmo figura como o movimento da voz na escritura<sup>24</sup>. Não ouvimos mais o som na linguagem, mas sim o sujeito<sup>25</sup>.

Concebido como movimento de um sujeito, o ritmo seria de onde adviria o sujeito. Isso significa que o sujeito não lhe preexiste. Esse seria o desconhecido do ritmo, o que faria a historicidade do ritmo. Por isso, a escrita figura ao mesmo tempo como o ritmo do sujeito e a ética do sujeito. Dessa forma, participando desse infinito de sentido, o sujeito é seu próprio ritmo.

A rejeição da dicção pela métrica levou à rejeição da voz. De acordo com Meschonnic (2009), para que não houvesse confusão entre a fonética do ritmo e a dicção, o estruturalismo teria esquecido a voz. No entanto, ao se opor estrutura e dicção se estaria opondo o ritmo do verso a todas as possibilidades de significação e significância. Ao rejeitar a voz, se estaria rejeitando o ritmo, o sentido e o sujeito.

Dever-se-ia antes, então, conforme proposta do referido teórico da linguagem, empreender uma história comparada das dicções, de sua relação com a voz, com o sentido e o ritmo do que é dito, ao invés de rejeitar a dicção e a voz na realização fônica individual.

Devido ao fato de não separar nem justapor o estético e o ético, em benefício do estético, o ritmo pressupõe uma continuidade entre linguagem, língua e literatura, e linguagem e história. O ritmo visa, assim, a reconhecer a continuidade dos sujeitos, sua radical historicidade, sua socialidade. Ou seja, o ritmo se apresenta como uma semântica e uma ética da historicidade, uma poética da sociedade por uma poética da linguagem, o que imbrica necessariamente um pensamento do político.

Pensando a organização do discurso pelo ritmo, Meschonnic (2006 [1989]) compreende o poema como a transformação de uma forma de linguagem por uma forma de vida e a transformação de uma forma de vida por uma forma de linguagem. O sujeito do poema configura-se, assim, como a subjetivação máxima, integral de um discurso, que, por isso, constitui-se em um sistema de discurso.

A escrita se torna, assim, uma forma de vida, movimento de uma fala, invenção do sujeito pela sua linguagem e de uma linguagem por seu sujeito inseparavelmente, invenção de sua própria historicidade. Se a escrita é aquilo que advém quando algo é feito na linguagem por um sujeito, e que não havia sido feito até aquele instante por um sujeito, então, pode-se

---

<sup>24</sup> Utilizo a palavra escritura, neste trabalho, como sinônimo de escrita.

<sup>25</sup> Para mais informações sobre a voz, ver a tese de doutoramento, defendida em 2016, no PPGL da UFRGS, intitulada "Em busca de uma poética da voz", de Daiane Neumann.

afirmar que a escrita participa de um desconhecido. A escrita é concebida como o presente do futuro, o futuro no presente, no momento em que ela acontece. Ela se torna, em seguida, um passado que continua a ter um futuro.

A voz, por outro lado, reestabelece aí a corporeidade, a gestualidade no modo de significar. O discurso não é mais o lugar da escolha feita a partir da língua, ou de operadores lógicos, mas a atividade de um homem realmente falando. O poema figura aí como aquele que é necessário para a transformação do pensamento dualista e descontínuo da linguagem em um pensamento do contínuo e do ético.

Trata-se não mais de investigar o que diz um discurso, mas o que ele faz e como o faz, pois o jogo do associativo e do sintagmático é sempre único, singular, inventado por um discurso em particular. Nesse contínuo de subjetivação de um sistema de discurso, o sujeito se inventa pelo e no seu discurso, que, por sua vez, inventa uma historicidade nova. Tal concepção nos leva a perceber que no contínuo do poema ignoram-se as diferenças entre gêneros, ou seja, haveria assim um poema no romance, numa peça de teatro ou mesmo num texto filosófico, se nele houver essa invenção de um sujeito, essa invenção de uma historicidade. Nessa busca, há a implicação recíproca entre linguagem, ética e história.

A partir de um pensamento de uma antropologia histórica da linguagem, a concepção de leitura também se ressignifica. O ato de leitura não é passível de ser separado de sua historicidade, ele pode se apoiar em parâmetros já estabelecidos de leitura, que buscam uma espécie de essência do sentido, ou pode também tender a reconhecer sua própria historicidade, como uma confrontação, um conflito. O reconhecimento de que esse ato possui uma historicidade própria e se dá em meio a uma confrontação, um conflito, é perceptível ao se fazer uma releitura. A diferença entre uma primeira e segunda leitura é flagrante.

A construção dos sentidos na leitura não pode, dessa forma, ser reduzida a condições datadas, limitadas, ou seja, não se pode, de um lado, fechar os sentidos do poema a partir de informações contextuais, extralinguísticas, e, de outro, limitar os sentidos a categorias pré-estabelecidas de análise. Além disso, é importante atentar para o fato de que o status e o tratamento dado à leitura mudam na medida em que mudam as estratégias de linguagem utilizadas.

Dessa forma, como bem nos lembra Meschonnic (2006 [1989]), não é somente um “je” que lê, ele é ao mesmo tempo o agente e o objeto real da leitura. O objeto gramatical figura apenas como o meio e a passagem. Ademais, esse “je” sempre lê um hoje, um presente,

o que permite o autor afirmar que “só há a releitura”<sup>26</sup> (p. 136). A construção de sentidos só é possível por um sujeito de sentido, a leitura figura então como um discurso. Esta “lecture-discours” tem como unidade o discurso, que não é mais concebido como o lugar do emprego da língua, mas como o lugar por onde a língua brota e nasce.

## **5 Considerações finais**

A reflexão apresentada neste artigo objetivou discutir acerca de uma mudança de ponto de vista sobre a linguagem, conforme proposta de Meschonnic (2009 [1982]). Essa mudança de ponto de vista, como pôde ser observado, deriva, em especial, de noções e concepções apresentadas na obra de Saussure e Benveniste.

Além de discutir sobre o histórico de construção dessa concepção de linguagem, busquei pontuar algumas questões que se desestabilizam e/ou que devem ser reavaliadas, repensadas acerca de alguns pontos cruciais com os quais se deparam aqueles que se propõem a trabalhar com a análise de discursos. Percebe-se que pensar a construção da significância no discurso está atrelado impreterivelmente à não dissociação entre som e sentido. Logo, analisar textos e obras não significa dedicar-se tão somente à análise formal, tanto da língua quanto dos gêneros que constituem os textos, nem à análise de conteúdo, mas à análise da significância que se constrói através da imbricação mútua entre som e sentido, forma e sentido, em um texto, em uma obra particular. Assim, passamos da busca de uma reflexão que tem como base apontar para o que o texto diz, para pensar como ele faz para dizer o que diz, para fazer o que faz.

A concepção de linguagem aqui apresentada também nos atenta para a importância de observar o texto literário a partir do seu viés de produção linguística, nas relações de imbricação mútua entre som e sentido, entre forma e sentido, bem como de estudar a língua a partir dos desafios lançados aos linguistas pelo texto literário, já que a partir de tal ponto de vista, não se pode dissociar a linguagem poética de uma linguagem dita “ordinária”.

Passa-se, assim, de análises de textos e obras que buscam observar o funcionamento de unidades no discurso, para análises que tomam os textos e as obras como unidades e que se propõem a pensar o todo como constituidor das unidades, dos valores das unidades da língua. Dessa forma, altera-se o olhar do analista que passa também a observar o ritmo, as rimas, a voz, os ecos prosódicos, os silêncios, na construção da significância dos textos.

---

<sup>26</sup> Tradução minha, no original, lê-se: “Il n’y a que de la relecture”.

## Referências

BAUDELAIRE, C. **Œuvres complètes**. Paris: R. Laffont, 1980.

BENVENISTE, É. A noção de “ritmo” em sua expressão linguística. In.: \_\_\_\_\_ **Problemas de lingüística geral I**. Campinas: Pontes Editora, 2005, p. 361-370.

\_\_\_\_\_. A forma e o sentido na linguagem. In.: \_\_\_\_\_. **Problemas de lingüística geral II**. Campinas: Pontes Editora, 2006a, p. 220-244.

\_\_\_\_\_. Semiologia da língua. In.: \_\_\_\_\_. **Problemas de lingüística geral II**. Campinas: Pontes Editora, 2006 b, p. 43-67.

\_\_\_\_\_. Esta linguagem que faz a história. In.: \_\_\_\_\_. **Problemas de lingüística geral II**. Campinas: Pontes Editora, 2006c, p. 29-42.

\_\_\_\_\_. **Baudelaire**. France: Limoges, Éditions Lambert-Lucas, 2011.

DESSONS, G. Du discursif. In.: Linguistique et poétique du discours à partir de Saussure, revue **Langages**, n° 159, sept. 2005, p. 19-38.

\_\_\_\_\_. **Émile Benveniste, l'invention du discours**. Paris: Press, 2006.

JAKOBSON, R. Lingüística e poética. \_\_\_\_\_. In: **Linguística e comunicação**. São Paulo: Editora Cultrix, 1999, p. 118-162.

MESCHONNIC, H. **Les états de la poétique**. Paris: Presse Universitaires de France, 1985.

\_\_\_\_\_. **La rime et la vie**. France: Éditions Verdier, Gallimard, 2006 [1989].

\_\_\_\_\_. Seul comme Benveniste. \_\_\_\_\_. In: **Dans le bois de la langue**. Paris: Editions Laurence Teper, 2008, p. 359-389.

\_\_\_\_\_. **Critique du rythme: anthropologie historique du langage**. Lonrai, França: Éditions Verdier, 2009 [1982].

NEUMANN, D. Em busca de uma antropologia histórica da voz. **Cadernos de Pós-Graduação em Letras** (Online), v. 14, p. 56-70, 2014.

NEUMANN, D.; ROSÁRIO, H. M. Elementos para uma antropologia histórica da linguagem no Curso de Linguística Geral. In: PINHEIRO, C. L.; LIMA, M. H. A. de. (Org.). **Diálogos: Saussure e os estudos linguísticos contemporâneos**. Natal: EDUFRN, 2015, p. 123-138.

TRABANT, J. Le Humboldt de Henri Meschonnic. In: DESSONS, G.; MARTIN, S.; MICHON, P. (Org.) **Henri Meschonnic, la pensée et le poème**. Paris: Éditions IN PRESS, 2005, p. 175-186.

Data de Recebimento: 11 de setembro de 2017.

Data de aceite: 10 de dezembro de 2017.